



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

ELIAS DOS SANTOS SILVA

**UM DEBATE PARA ALÉM DAS QUATRO LINHAS: POR
UMA ABORDAGEM SOCIOPOLÍTICA DO FUTEBOL**

**CAMPINA GRANDE
2023**

ELIAS DOS SANTOS SILVA

**UM DEBATE PARA ALÉM DAS QUATRO LINHAS: POR UMA ABORDAGEM
SOCIOPOLÍTICA DO FUTEBOL**

Trabalho de conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduado em Licenciado em História.

Área de concentração: História Política

Orientador: Ms. Gilbergues Santos Soares

CAMPINA GRANDE - PB

2023

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586u Silva, Elias dos Santos.
Um debate para além das quatro linhas [manuscrito] : por
uma abordagem sociopolítica do futebol / Elias dos Santos
Silva. - 2023.
21 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Educação, 2023.

"Orientação : Prof. Me. Gilbergues Santos Soares ,
Coordenação do Curso de História - CÉDUC. "

1. Futebol. 2. Ditadura Militar. 3. Mecanismo de
propaganda. I. Título

21. ed. CDD 981.063

ELIAS DOS SANTOS SILVA

**UM DEBATE PARA ALÉM DAS QUATRO LINHAS:
POR UMA ABORDAGEM SOCIOPOLÍTICA DO FUTEBOL**

Trabalho de conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduado em Licenciado em História.

Área de concentração: História Política

Aprovado em: 27 \ junho \ 2023

BANCA EXAMINADORA



Prof. Ms. Gilbergues Santos Soares (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Documento assinado digitalmente
gov.br HILMARIA XAVIER RIBEIRO
Data: 10/07/2023 07:48:53-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof.ª Dra. Hilmária Xavier Ribeiro
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

MARIA LETÍCIA COSTA VIEIRA

Prof.ª Ms Maria Leticia Costa Vieira
Universidade Federal de Campina Grande (PPGH/UFCG)

Dedico este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) a minha amada e inesquecível avó Maria Cecília da Conceição Santos (in memoriam), aos meus pais, familiares e amigos que de modo direto ou indireto me auxiliaram ao longo dessa jornada.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	5
2 "O FUTEBOL É A COISA MAIS IMPORTANTE DENTRE AS COISAS MENOS IMPORTANTES DAS NOSSAS VIDAS".....	6
2.1 De Getúlio Vargas a Juscelino Kubitschek: o futebol como instrumento político no Brasil republicano.....	8
3 O FUTEBOL COMO MECANISMO DE PROPAGANDA DA DITADURA MILITAR BRASILEIRA.....	9
4 EXPRESSÕES ARTÍSTICAS, O FUTEBOL E SUA UTILIZAÇÃO POLÍTICA PELA DITADURA MILITAR.....	16
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	18
REFERÊNCIAS.....	19

UM DEBATE PARA ALÉM DAS QUATRO LINHAS: POR UMA ABORDAGEM SOCIOPOLÍTICA DO FUTEBOL

Elias dos Santos Silva

RESUMO

Desde a popularização do futebol no Brasil, ocorrida nas primeiras três décadas do século XX, que esse esporte foi sendo transformado em um dos principais elementos formadores da identidade nacional. Nesse sentido, enquanto ia sendo forjado como uma paixão nacional, o âmbito futebolístico foi, também, sendo utilizado por setores da sociedade, a política institucional principalmente. Os políticos tradicionais associavam suas imagens ao esporte mais difundido no país, no sentido de por meio dessa associação conseguir apoio popular. Tendo isso em vista, este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) busca apontar as relações estabelecidas entre o governo militar brasileiro e o futebol, tendo por desígnio analisar como a Ditadura Militar, instaurada no país com o Golpe Civil Militar de 1964, se apropriou do esporte, "militarizou" a própria Seleção e utilizou o tricampeonato brasileiro, conquistado no México em 1970, como mecanismo de propaganda do governo, visando melhorar sua imagem frente à população e apaziguar os ânimos da sociedade em um contexto de muita violência e repressão por parte dos militares.

Palavras-chave: Futebol. Ditadura Militar. Mecanismo de Propaganda.

ABSTRACT

Since the popularization of football in Brazil, which took place in the first three decades of the XX century, this sport has been transformed into one of the main forming elements of the national identity. In this sense, while it was being forged as a national passion, the football field was also being used by sectors of society, mainly institutional policy. Traditional politicians associated their images with the most widespread sport in the country, in the sense of gaining popular support through this association. With that in mind, this Course Completion Work (TCC) seeks to point out the relations established between the Brazilian military government and football, with the aim of analyzing how the Military Dictatorship, established in the country with the Civil Military Coup of 1964, appropriated of sport, "militarized" the national team itself and used the third Brazilian championship, won in Mexico in 1970, as a government propaganda mechanism, aiming to improve its image in the eyes of the population and appease the feelings of society in a context of much violence and repression by part of the military.

Keywords: Football. Military dictatorship. Advertising Mechanism.

1 INTRODUÇÃO

O futebol configura-se como o esporte mais praticado e prestigiado do mundo, tendo a capacidade que poucos esportes têm de mobilizar toda uma sociedade em torno do espetáculo que se dá dentro das quatro linhas do campo de futebol, fazendo com que milhares de pessoas fiquem extasiadas nas arquibancadas, em casa, em bares ou onde quer que seja, criando um sentimento que muitas vezes torna-se inexplicável.

Desde muito cedo, antes mesmo de me dedicar ao mundo acadêmico, fui um completo apaixonado por tudo aquilo que envolve esse esporte tão popular na sociedade brasileira. Torcedor fanático do Clube de Regatas do Flamengo, nunca me limitei a acompanhar somente o que envolvia meu time de coração, pelo contrário sempre me interessei por tudo que envolve o futebol, por tudo o que está em seu entorno.

Nessa jornada, sempre ouvi falar, e por muito tempo acreditei mesmo, que o futebol não deve se relacionar diretamente com a realidade social e política a qual se insere. Foi somente ao conhecer a brilhante obra de Marcos Guterman “O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país”, já enquanto cursava a graduação em História, que comecei a atentar para as questões políticas e sociais que interferem no mundo futebolístico.

A partir dessa mudança de pensamento, passei a enxergar o futebol como um objeto de estudo e análise historiográfica, contrariando a ideia ainda hoje enraizada no meio popular e no ambiente acadêmico de que “não se deve falar (discutir) sobre futebol” e muito menos que ele pode ser relacionado com aspectos políticos e sociais de nosso país.

No âmbito acadêmico, o futebol ainda é pouco utilizado como objeto de estudo, ainda não se atribui a ele a relevância social, cultural e política que de fato possui. Nesse sentido, um dos poucos que se preocupou em propor a construção de uma narrativa sobre o futebol foi Pierre Bourdieu. Pela lógica do sociólogo francês, um historiador que tem o esporte como objeto de estudo não deve limitar seu leque de investigação apenas às dinâmicas internas do campo esportivo, atentando-se para as relações existentes entre o esporte e o mundo que o circunda (FIGOLS, 2021).

De certo, esse é o cerne da discussão histórica e sociológica, afinal uma das funções das Ciências Sociais é justamente relacionar os seres humanos, e suas vivências, com o meio onde eles existem e atuam. O sociólogo estadunidense, Wright Mills, já demonstrava em “A Imaginação Sociológica” que existe uma relação entre o homem, e sua biografia, a sociedade, o eu e o mundo, que a vida do indivíduo e a história de sua sociedade são indissociáveis. (MILLS, 1969). É assim que Bourdieu nos convida a pensar o futebol como uma expressão popular, alvo de diversos interesses distintos, a depender da sociedade em que está inserido. (FIGOLS, 2021).

É considerando essa discussão, que buscaremos no decorrer deste trabalho demonstrar como o futebol foi alvo de constantes interesses por parte de governantes brasileiros, que objetivavam se apropriar do caráter mobilizador desse esporte, para assim alcançarem legitimação para si e para seus governos, destacando-se o caso da utilização da conquista do tricampeonato da Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 1970, no México, quando o país sofria com uma Ditadura Militar instaurada a partir do Golpe Civil Militar de 1964.

Amparado em livros, artigos, matérias de jornais, além de pesquisas em documentários e filmes, o presente trabalho apresenta algumas relações existentes entre a política e o futebol no Brasil, dando ênfase ao período em que o governo do país ficou a cargo dos militares. Buscou-se compreender, portanto, como estes utilizaram o futebol em prol da imagem do governo, "militarizando" a Seleção que iria disputar a Copa do Mundo em 1970, e utilizando a conquista dessa mesma Seleção como mecanismo de propaganda para o Governo militar.

2 “O FUTEBOL É A COISA MAIS IMPORTANTE DENTRE AS COISAS MENOS IMPORTANTES DAS NOSSAS VIDAS”¹

¹ Esta frase é costumeiramente atribuída a Arrigo Sachi, técnico da seleção italiana de futebol durante a Copa do Mundo de 1994 nos Estados Unidos. Mas, uma rápida busca na Internet pode revelar vários outros autores, por isso vale o registro para que se evite dúvidas.

O dia 1º de abril de 2023 era só mais um dia comum para milhares de cidadãos cariocas. Não para dois torcedores do Clube de Regatas do Flamengo que foram prestigiar o primeiro duelo da final do Campeonato Carioca, disputado entre seu time de coração e o Fluminense Football Club. A data do embate coincidiu com o 59º “aniversário” do golpe civil militar de 1964 que originou uma ditadura militar que perdurou por longos 21 anos.

Foi exatamente por causa dessa efeméride, que os dois torcedores levaram para as arquibancadas do Maracanã uma faixa de protesto, com teor político, com os seguintes dizeres: “morte aos torturadores de 64”. O que deveria ser apenas mais uma legítima manifestação política, a ser realizada em um local propício para esse tipo de coisa, considerando que locais públicos são consagrados à cidadania e a tudo que a ela se relaciona, ganhou contornos de dramaticidade para os dois torcedores que foram retirados das arquibancadas pelas autoridades policiais do estádio. Após serem conduzidos pelo policiamento para o Juizado Especial Criminal do Maracanã, os dois torcedores foram punidos por terem estendido a faixa: eles foram banidos dos estádios de futebol de todo o país, além de terem que usar tornozeleiras eletrônicas, até o dia 31 de dezembro de 2023.²

Ao que tudo indica a reação das autoridades policiais e de vários torcedores, que inclusive tentaram rasgar a faixa, corrobora com a ideia antiga de que “não se deve discutir sobre futebol e religião” como se o âmbito de um estádio de futebol fosse um mundo à parte, completamente desassociado dos acontecimentos políticos e sociais de um povo.

O futebol, como nos afirma o ex-treinador da Seleção Italiana de Futebol, Arrigo Sacchi, parece mesmo ser “a coisa mais importante dentre as coisas menos importantes das nossas vidas”. Essa prática esportiva foi após sua consolidação enquanto esporte de massa, e segue sendo um instrumento bastante utilizado por políticos, de modo individualizado, e por grupos políticos como uma espécie de trampolim para alcançar qualquer que seja seus objetivos. Sendo, portanto, esse esporte compreendido como um mecanismo para obtenção de legitimação e apoio popular perante a sociedade.

Guterman (2009) parece discordar do técnico de futebol Arrigo Sacchi ao afirmar que “o futebol [...] não é um mundo à parte, não é uma espécie de ‘Brasil paralelo’. É pura construção histórica, gerado como parte indissociável dos desdobramentos da vida política e econômica do Brasil”. Assim, a história desse esporte evidencia um reflexo dos diversos momentos pelos quais o país passou e foi, paulatinamente, se consolidando como “esporte nacional” ao passo que a própria identidade brasileira foi se construindo. Além disso, o futebol passou a se integrar como elemento fundamental dessa identidade e da cultura do país.

Tendo em vista seu caráter mobilizador e por integrar a cultura e a identidade nacional do brasileiro, o futebol, considerado uma paixão para grande parcela da população, não escapou de ser objeto de constante interesse de governos e de políticos. Fenômeno este não exclusivo do Brasil, pois essa roupagem em torno do futebol foi e continua sendo prática comum em diversas partes do mundo.

A respeito da transformação dos esportes, sobretudo do futebol, como elemento construtor de uma identidade nacional e de um sentimento de patriotismo e nacionalismo, Marilena Chauí evidencia que:

A primeira expressão dessa mudança aparece nos esportes, transformados em espetáculos de massa, nos quais já não competem equipes e sim se enfrentam e se combatem nações (como se viu nos Jogos Olímpicos de 1936, no aparecimento do Tour de

² “Torcedores do Flamengo são punidos após faixa contra ‘torturadores de 64’”. <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2023/04/19/torcedores-do-flamengo-sao-punidos-apos-faixa-contra-torturadores-de-64.htm?cmpid=copiaecola>

France e da Copa do Mundo). Passou-se a ensinar às crianças que a lealdade ao time é lealdade à nação. (CHAUI, 2000, p.18).

De acordo com Magalhães (2014), as primeiras experiências da utilização do futebol brasileiro como instrumento de propaganda política foram ensaiadas ainda no governo de Getúlio Vargas, mais precisamente durante o Estado Novo, entre 1937 e 1945. Nesse período, o futebol fez a transição do amadorismo para o profissionalismo (mesmo que ainda seja praticado pelos mais variados setores da sociedade de forma amadora, profissional e, claro, como lazer) atraindo cada vez mais atenção para o seu entorno. De maneira geral, os clubes e os times, a prática do esporte em si e os campeonatos regionais e nacionais foram alvos constantes de interesses e até de intervenção estatal após sua popularização.

2.1 De Getúlio Vargas a Juscelino Kubitschek: o futebol como instrumento político no Brasil republicano

Analisando o histórico dos presidentes brasileiros, ao longo de nossa curta história republicana, pode se perceber vários exemplos da utilização política do futebol por esses governantes. Durante o longo período (1930-1945) em que foi presidente da República, Getúlio Vargas não hesitou em se utilizar do poder mobilizador do futebol para se aproximar das camadas populares da sociedade brasileira. Tanto que quando do lançamento de um dos principais programas populares do seu governo, o Salário Mínimo, o palco escolhido para a realização do evento, em 1º de Maio de 1940, foi o Estádio do Club de Regatas Vasco da Gama, também conhecido como São Januário, que nesse dia recebeu aproximadamente quarenta mil pessoas, para presenciar o pronunciamento do presidente e a assinatura, ali mesmo no estádio, do Decreto-lei que instituiu o salário mínimo em solo brasileiro. Acerca desse evento, o historiador Maurício Drumond diz que:

Unindo o político e o sagrado, Getúlio Vargas teve nos estádios de futebol um dos principais palcos de sua ligação com os trabalhadores do Brasil. Nas festas do 1º de maio, discursando das tribunas de honra em frente ao microfone que levava sua voz a todo o Brasil e até ao exterior, em retransmissões do DIP, Vargas utilizava-se do capital simbólico dos estádios para se aproximar das classes populares, que tinham no esporte um de seus principais elementos de lazer. (DRUMOND, 2012).

Em 1950, com o país sob o governo do General Eurico Gaspar Dutra, o território brasileiro foi escolhido para sediar a Copa do Mundo daquele ano. Como palco principal para a realização desse grandioso evento, que atraía os olhares do mundo inteiro, foi inaugurado o Estádio Jornalista Mário Filho, o popular Maracanã, à época o maior estádio do mundo. Ele representava, naquele momento, a importância dada ao futebol para a formação de uma identidade nacional e para o despertar de um sentimento nacionalista na população brasileira.

A Copa de 1950 voltava a acontecer após doze anos de pausa em decorrência da Segunda Guerra Mundial. Na última edição, em 1938, realizada na França, a Seleção Brasileira havia conquistado o terceiro lugar. Nesse sentido, o reencontro do torcedor brasileiro com a competição se deu de maneira muito especial e com muito entusiasmo, tanto pela esperança da conquista do inédito título mundial pela seleção nacional, quanto pelo fato de o país sediar pela primeira vez um evento de tamanha notoriedade e importância. Sobre o valor, não só esportivo atribuído a esse evento, Leda Costa, doutora em literatura e membra do Laboratório de Estudos em Mídia e Esportes da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, explica que:

Em campo, tínhamos uma Seleção tomada como sinônimo de nação brasileira. Hoje em dia não temos mais isso. Estava em campo um projeto de nação pela Seleção e pelo Maracanã, estádio construído e erguido em menos de dois anos para a Copa do Mundo. No dia 16 de julho, recebeu o equivalente a 10% da população carioca na época. Era mais que um jogo. (BULLÉ, 2020).

A partir disso, podemos afirmar que existia uma grande expectativa popular e do próprio governo brasileiro em torno da conquista daquele campeonato. A massa popular estava eufórica, pois pela primeira vez na história a seleção nacional apresentava condições reais de conquistar uma Copa do Mundo, sobretudo pelo fato de a competição ser disputada em casa. Já o governo entendia uma possível conquista daquela competição como uma oportunidade de mostrar, ao mundo, o Brasil enquanto um Estado-nação forte e bem estruturado em todos os seguimentos sociais.

No decorrer do torneio a seleção anfitriã foi acumulando vitórias e atuações espetaculares, despertando ainda mais euforia nos seus torcedores, chegando à grande final como franca favorita. Em um Maracanã lotado, a Seleção Brasileira enfrentou a Seleção Uruguai. Entretanto, todo o sentimento de otimismo e euforia do povo brasileiro transformou-se em um mar de frustração verde e amarelo, quando a seleção local foi derrotada pelo placar de 2 a 1, deixando em prantos aqueles milhares de torcedores que estavam no estádio. Foi nesse contexto que surgiu o termo “Maracanazo”, expressando todo o sentimento de tristeza dos brasileiros e a alegria dos uruguaios diante daquela conquista.

Mas, Getúlio Vargas e Eurico Gaspar Dutra não foram os únicos presidentes da República a buscarem uma maior aproximação com o público por meio da mobilização social que gira entorno do futebol. Talvez, possamos afirmar que foi a partir do exemplo dado por eles que a lógica da utilização do futebol como instrumento político passou a ser uma regra.

Em 1958, quando a Seleção Brasileira conquistou, finalmente, sua primeira Copa do Mundo, o Brasil era governado por Juscelino Kubitschek. Seu governo caracterizava-se por projetos de desenvolvimento econômico, com a implementação de ações voltadas para infraestrutura e industrialização. Após a conquista inédita do título mundial, na Suécia, a Seleção Brasileira, que contava com craques como Pelé, Garrincha e Didi, voltou ao Brasil e foi recebida por Juscelino Kubitschek com todo glamour possível no Palácio Laranjeiras, sede do governo federal no Rio de Janeiro. Acontecimentos como este podem ser entendidos como uma forma de o governo buscar associar a imagem da seleção vitoriosa com o seu projeto governamental de desenvolvimento no âmbito econômico e de infraestrutura.

Independente do regime governamental vigente (democracia ou ditadura), é impossível negar a busca das lideranças políticas em se aproximar ao máximo de tudo aquilo que envolve o mundo futebolístico, associando sua imagem e a do seu governo com aspectos relacionados à prática esportiva mais difundida do país. Isso pode ser explicado pelo fato de o futebol ser um esporte que desperta o interesse de todas as classes sociais de uma sociedade, dos mais ricos aos mais pobres todos são atraídos de alguma forma por esse esporte, sendo correto afirmar que este se configura como uma verdadeira paixão nacional, capaz de mobilizar toda uma sociedade a sua volta, principalmente quando se fala em Copa do Mundo. Dessa forma torna-se extremamente vantajoso para políticos e governantes ter suas imagens associadas aos times de futebol, principalmente a seleção nacional, pois isso os aproxima da população.

3 O FUTEBOL COMO MECANISMO DE PROPAGANDA DA DITADURA MILITAR BRASILEIRA

Segundo Blume (2017), “Maurice Duverger define uma ditadura como um regime político de cunho autoritário, alicerçado através da violência, com caráter atípico e ilícito”. Assim, normalmente, ditadores chegam ao poder por intermédio de um golpe de Estado, centralizando todo o poder a sua volta, impondo seu projeto de governo à sociedade por meio da força e da repressão aos cidadãos opositores ao regime ditatorial implantado naquela determinada sociedade. Dessa forma, um regime ditatorial é caracterizado pela concentração absoluta do poder e pela subversão da ordem política anterior.

A partir de 1964, com os golpes de Estado no Brasil e na Bolívia, se iniciou na América Latina um processo histórico que resultaria em uma enorme fragilidade social e política. Beneficiando-se de questões como instabilidade política interna e fragilidades econômicas e políticas externas, vários países latino-americanos passaram a viver sob ditaduras, em geral militares, apoiadas pelos Estados Unidos. Nesses processos autoritários liderados pelas forças armadas e pelas burguesias agrária e industrial, que recebiam sustentação da lógica bipolar dos tempos da Guerra Fria, vários países da América Latina sofreram golpes civil-militares e padeceram sob longevas ditaduras.

Quase desde o início da Guerra Fria, os EUA partiram para combater esse perigo (comunismo soviético) por todos os meios, desde ajuda econômica e propaganda ideológica até a guerra maior, passando pela subversão militar oficial e não oficial, de preferência em aliança com um regime local amigo ou comprado, mas, se necessário, sem apoio local. (HOBSBAWM, 1995, p. 442).

No Brasil, a ditadura militar foi implantada em 1964 através de um golpe de Estado que retirou do poder o então presidente João Goulart e que se estendendo até o ano de 1985. No decorrer desse período o país foi governado por cinco generais presidentes: Humberto Castello Branco, Costa e Silva, Emílio Garrastazu Médici, Ernesto Geisel e João Batista Figueiredo. A respeito do período em que o governo brasileiro ficou a cargo dos militares, Marcos Napolitano escreve que:

O Brasil passou por um turbilhão de acontecimentos que, em grande parte nos definem até hoje e ainda provocam muito debate. A economia cresceu, alçando o país ao oitavo PIB Mundial. Mas, igualmente, cresceram a desigualdade e a violência social, alimentadas em boa parte pela violência do Estado. A vida cultural passou por um processo de mercantilização, o que não impediu o florescimento de uma rica cultura de esquerda, crítica ao regime. (NAPOLITANO, 2014, p. 8).

A partir da discussão promovida por Marcos Napolitano, podemos afirmar que a ditadura militar foi legitimada por meio de diversas medidas de combate a população contrária ao regime. Assim, principalmente no período posterior à criação do Ato Institucional Nº 5, usualmente conhecido como AI-5, o Estado brasileiro patrocinou uma série de medidas repressivas contra as chamadas organizações "subversivas", se baseando na censura, vigilância, tortura, prisões ilegais e sequestros.

Antes do AI-5 já havia mobilizações de oposição à ditadura militar lideradas principalmente pelo movimento estudantil e de intelectuais e artistas, além de um movimento sindical que foi paulatinamente sendo desmobilizado. Em março de 1968, num protesto organizado por estudantes na cidade do Rio de Janeiro, o estudante Edson Luís Lima foi assassinado pelas forças policiais, mobilizando parte considerável da população em manifestações que eclodiram pelo país afora.

Em setembro, o deputado Marcio Moreira Alves, do Movimento Democrático Brasileiro (MDB), discursou contra a violência militar, convocando a população a boicotar os desfiles do “07 de setembro”. Pode se evidenciar essa tentativa de convencer a população a boicotar tal desfile através de trechos do discurso do deputado em questão.

"Senhor presidente, senhores deputados. Todos reconhecem ou dizem reconhecer que a maioria das forças armadas não compactua com a cúpula militarista que perpetra violências e mantém este país sob regime de opressão. Creio ter chegado, após os acontecimentos de Brasília, o grande momento da união pela democracia. Este é também o momento do boicote. As mães brasileiras já se manifestaram. Todas as classes sociais clamam por este repúdio à polícia. No entanto, isto não basta. É preciso que se estabeleça, sobretudo por parte das mulheres, como já começou a se estabelecer nesta Casa, por parte das mulheres parlamentares da ARENA, o boicote ao militarismo. Vem aí o 7 de setembro. As cúpulas militaristas procuram explorar o sentimento profundo de patriotismo do povo e pedirão aos colégios que desfilem junto com os alagozes dos estudantes. Seria necessário que cada pai, cada mãe, se compenetrasse de que a presença dos seus filhos nesse desfile é o auxílio aos carrascos que os espancam e os metralham nas ruas. Portanto, que cada um boicote esse desfile.[...]" (SILVA, 2014).

A partir disso, o Exército exigiu punição ao deputado, mas a Câmara Federal recusou. A negativa parlamentar mostrou que a oposição estava se fortalecendo. Com essa crise, com as mobilizações estudantis, operárias, artísticas e intelectuais, com o crescimento do bloco de oposição, além das organizações de esquerda dando início a luta armada, a ditadura militar implantou o AI-5 para reprimir as tentativas de resistência da sociedade brasileira.

O AI-5 trouxe mudanças significativas para o Brasil. Por meio dele pôs-se fim ao habeas corpus, o Congresso Nacional foi fechado e o presidente passou a poder demitir funcionários públicos, cassar mandatos, confiscar bens privados e intervir no estados e municípios. Com o AI-5, a ditadura militar iniciou o seu período mais rígido e a censura aos meios de comunicação e a prática de tortura consolidaram-se como ações comuns.

Diante desse cenário, os militares não desconsideravam que precisavam do apoio popular e para isso uma boa imagem era fundamental. É por isso que durante o governo do General Costa e Silva se criou a Assessoria Especial de Relações Públicas (AERP) que objetivava organizar os órgãos governamentais de propaganda. A AERP foi utilizada com maior intensidade durante o período de governo do General Emílio Médici.

A principal justificativa para a criação da AERP foi que os militares sentiram a necessidade de estabelecer um canal de comunicação direto entre o governo e a sociedade civil para que pudesse, ele mesmo, divulgar suas narrativas sobre a luta política e ideológica travada naqueles tempos de Guerra Fria. Isso se explica pela imagem negativa que a população vinha demonstrando, em relação ao governo militar, nas pesquisas de opinião pública encomendadas, pelo próprio governo, desde o início da ditadura. Para os militares a população brasileira estaria "mal informada" sobre os trabalhos que eles vinham desenvolvendo no país. Dessa forma, e para reverter a impopularidade e a visão negativa da sociedade para com o regime, o caminho seria criar mecanismos de comunicação entre o governo militarizado e o povo. Nesse sentido, para a efetivação desse diálogo, a AERP foi um mecanismo fundamental. Sobre a AERP, Lilia Schwarcz e Heloísa Starling escreveram:

A propaganda feita pela AERP era criativa, não tinha nada de “chapa branca” nem ostentavam os sinais típicos do marketing político. As peças falavam em otimismo, orgulho e grandeza nacional; celebravam

a diversidade e a integração racial brasileira; afirmavam a harmonia social, e embalavam tudo isso em filmes curtos, com narração direta, imagens bem cuidadas e um arremate musical que grudava na lembrança do espectador. (SCHWARTZ e STARLING, 2018, p. 454).

Foi nessa lógica de exaltação a grandeza nacional, o milagre econômico, e ao sucesso da seleção nacional, que a AERP desenvolveu seu projeto publicitário para alavancar o sentimento de unidade nacional e de país que se desenvolvia e estruturava-se a todo vapor seguindo o ritmo da conquista futebolística da Seleção. Assim, a ideologia expressa nas propagandas da AERP, pode ser sintetizada na letra da música “Pra frente, Brasil”, de Miguel Gustavo, que praticamente foi transformada em um hino do governo ditatorial em um contexto marcado por forte repressão aos grupos opositores, e ao mesmo tempo euforia popular pela conquista da Copa de 1970.

Noventa milhões em ação. Pra frente, Brasil do meu coração. Todos juntos vamos, Pra frente, Brasil salve a Seleção! De repente é aquela corrente pra frente, parece que todo o Brasil deu a mão, todos ligados na mesma emoção. Tudo é um só coração! Todos juntos vamos, pra frente Brasil, Brasil salve a Seleção! (MIGUEL GUSTAVO, 1970).

Mesmo havendo consenso entre os militares da necessidade de melhorar a imagem do governo, a criação da AERP não foi unânime entre eles, pois havia o temor de o órgão se assemelhar a uma tática propagandista característica de governos ditatoriais. É que os militares não queriam ter o governo associado a uma ditadura, mesmo que fosse exatamente isso que ele fosse. Temendo essa associação, a AERP empenhava-se em não fazer propagandas exaltando a figura dos líderes militares, objetivava principalmente criar uma atmosfera de consenso em torno do “desenvolvimento” econômico daquele período, estritamente sobre o “milagre econômico”. A construção da imagem de um governo que despertasse otimismo na população, sobre os destinos do país, e sobre seu desenvolvimento social e econômico era fundamental para os militares enfraquecerem os movimentos de resistências que ameaçavam o governo.

O projeto de propaganda do governo usou diversos recursos para pôr em prática seu plano de integração nacional. Durante o governo do General Emílio Médici, o futebol se destacou como mecanismo fundamental, sendo utilizado pelo regime para auxiliar no processo de junção da população com o governo. Isso foi possível porque, naquele contexto, o esporte que tinha chegado ao Brasil entre os anos de 1890 e 1900, como atividade exclusiva da elite, já havia superado as barreiras sociais, tornando-se um esporte praticado pela massa. Sobre isso, Mascarenhas (2012) afirma que “o futebol se popularizou no Brasil a partir de 1930, tornando-se elemento da identidade nacional”. No decorrer desse processo de massificação do futebol, ele foi paulatinamente sendo transformado em paixão nacional e em símbolo de nacionalismo e patriotismo. Com isso, foi atribuída ao futebol uma forte influência na organização política do país. A respeito disso, Marcos Guterman diz que:

Com a massificação, o futebol passou a ter também influência política. Sua capacidade de mobilização logo se impôs como elemento muitas vezes decisivo para definir o humor de um eleitorado crescentemente menos controlável. O mundo do poder político e ideológico também se reproduziu dentro dos campos de futebol. (GUTERMAN, 2009, p. 8).

Após o General Costa e Silva sofrer um derrame, em agosto de 1969, e em meio a uma crise de poder, o General Emílio Médici assumiu a presidência em outubro daquele mesmo

ano. Medici era tido como da "linha dura", a ala mais radical entre os militares, podendo-se dizer que o seu governo foi o mais repressivo de toda a ditadura militar. Contudo, não era essa a imagem que o regime queria passar à população sobre o então presidente. Desse modo, para camuflar essa imagem negativa de Médici, a ditadura se utilizou da paixão do general pelo futebol para criar um elo entre o governo e o povo.

Antes de dar início a sua carreira militar, Médici foi jogador do Grêmio de Bajé, um time de pequena expressão do Rio Grande do Sul, e era torcedor fanático do Grêmio de Porto Alegre. Após chegar ao poder, Médici passou a dizer que além do Grêmio era, também, torcedor do Flamengo. Atitude esta que foi entendida, pelos críticos da época, como uma ação populista e estratégica para ganhar a afeição da maior torcida do país.

Inclusive, esta conduta não é atitude isolada de Médici. Ao analisarmos a figura do ex-presidente Jair Bolsonaro, percebemos algo semelhante. No início da campanha eleitoral de 2018, que culminou com sua eleição para presidente, Bolsonaro se dizia torcedor exclusivo da Sociedade Esportiva Palmeiras. Mas, já durante a eleição, visando se aproximar das camadas mais populares, e para conquistar votos, passou a declarar-se torcedor de vários times. É assim que Bolsonaro passa a se utilizar da paixão do povo brasileiro pelo futebol.

Nesse cenário, e já eleito presidente, começou a fazer frequentes aparições públicas com camisetas dos mais diversos times de futebol, sobretudo dos que contam com grandes torcidas, os chamados times de massa. Interessa notar que Bolsonaro aparecia com camisetas de times de futebol que são históricos rivais em seus estados. Assim, num dia posava com a camiseta do Palmeiras, por exemplo, e no outro com a camiseta do Corinthians. Ou era visto com a camiseta do Flamengo e logo depois com a do Vasco da Gama. Seria interessante averiguar, inclusive, como as torcidas percebiam esse tipo de comportamento abertamente oportunista, no sentido que tenta se valer da paixão que os brasileiros nutrem por seus times de futebol.

Mais adiante, quando da tentativa fracassada de reeleição em 2022, Bolsonaro passou a buscar maior popularidade nas regiões onde as pesquisas eleitorais apontavam uma desvantagem em relação ao seu principal opositor, Luiz Inácio Lula da Silva. Nesse contexto, as regiões Norte e Nordeste foram alvos dos interesses futebolísticos de Bolsonaro, tornando-se frequente suas aparições vestindo camisetas de times dessas duas regiões. Mais uma vez a falta de coerência se sobrepôs a possibilidade de agradar a torcedores de times diferentes, pois ao aparecer nas redes sociais vestindo as camisetas do Campinense Clube e do Treze Futebol Clubes, ambos de Campina Grande e históricos rivais, Bolsonaro terminou por desagradar a torcedores dos dois times. Coincidência ou não, perdeu a eleição de 2022 em Campina Grande nos dois turnos.

Voltando as atenções para o General Emílio Médici vemos que, na tentativa de alavancar sua popularidade, o ditador tentou a todo custo relacionar sua imagem com o esporte mais estimado pelo povo brasileiro. Como exemplo disso, temos o episódio do milésimo gol de Pelé em 19 de novembro de 1969 no Maracanã. Dias depois, Pelé foi recebido com honras de Estado em Brasília pelo próprio Médici. O jogador, que já era tido como um dos melhores de todos os tempos, foi premiado com uma medalha de mérito nacional e recebeu o título de comendador. Essa premiação fazia parte do projeto do governo de utilizar o futebol como ferramenta apaziguadora dos ânimos no país. De fato, condecorar Pelé, após um feito tão importante para o futebol mundial, se tornou um dos melhores exemplos de como futebol e política se relacionam, mesmo que em tempos recentes tenha-se tentado fazer exatamente o contrário ao que parece de uma maneira coordenada.

Numa recente tentativa de negar a relação existente entre o futebol e a política o apresentador Tiago Leifert defendeu que o âmbito esportivo configura-se apenas como um espaço de lazer e diversão, sendo um erro discutir pautas políticas nesse meio. Acerca disso, Leifert disse: “quando política e esporte se misturam dá ruim. Vou poupá-los dos detalhes, mas basta olhar nossos últimos grandes eventos para entender que essas duas substâncias não

devem ser consumidas ao mesmo tempo”. (UOL ESPORTE, 2022). Na ocasião de sua fala, para justificar seu pensamento, Leifert citou os protestos enfrentados pela então presidenta da República Dilma Rousseff no jogo de abertura da Copa do Mundo de 2014 em São Paulo.

Em completa oposição ao equívoco de supor que futebol e política são elementos sociais heterogêneos, incapazes de se misturarem, podemos destacar a figura do ex-jogador Sócrates, um dos maiores ídolos da história do futebol brasileiro, que jogou no Corinthians, na Seleção Brasileira e no Flamengo. Formado em medicina pela Universidade de São Paulo, Sócrates iniciou sua carreira como jogador de futebol no Botafogo de Ribeirão Preto, vindo a se destacar no cenário nacional, em pleno período ditatorial, tanto pelas suas habilidades futebolísticas, quanto pelos seus posicionamentos políticos. Sobre essa figura de importância inigualável, Carolina Juliano escreve o seguinte:

Em meio ao regime em que o povo não podia participar nem se manifestar, fundou dentro do Corinthians, com Wladimir e Casagrande, uma democracia paralela, na qual todos - dos roupeiros e motoristas aos dirigentes e presidente - tomavam, juntos, as decisões do clube, de forma coletiva e democrática. O jogador também participou ativamente da campanha 'Diretas já', que exigia a volta das eleições diretas no país, direito civil cassado pela ditadura. Discursou em comícios, comemorou gols com o punho fechado e erguido em alusão à luta dos trabalhadores e estampou frases políticas em seus uniformes. (ECO A UOL, 2022).

Outro exemplo de um jogador que via o futebol como, também, espaço de manifestação social e política é o atacante Reinaldo, ídolo do Clube Atlético Mineiro, que viveu seu auge nos anos 1970. Além de se destacar pelas suas qualidades dentro das quatro linhas, o jogador caracterizava-se por sua personalidade forte e pelos posicionamentos políticos contra o autoritarismo e contra o racismo. Na Copa do Mundo de 1978 na Argentina, que vivia sob uma violenta ditadura, Reinaldo figurava como uma das principais estrelas da Seleção Brasileira. Entretanto, sua forma de se posicionar, sobretudo nas comemorações de seus gols com o punho cerrado que simbolizava resistência, incomodava e preocupava o regime ditatorial brasileiro. Quando do embarque da Seleção para a Argentina, o então presidente, General Ernesto Geisel, se reuniu com os jogadores e a comissão técnica e intimou Reinaldo a não se posicionar politicamente durante a Copa, deixando de lado sua tradicional comemoração.

A respeito disso, o próprio Reinaldo conta no documentário “Reinaldo conta bastidores da Copa do Mundo de 1978” que: “o general disse que eu jogava muito bem, mas que eu não deveria falar de política porque disso eles cuidavam. Tudo isso em um tom imperativo e firme: estava me dando um recado. Fiquei assustado e não respondi nada”. (00vini, 2008). Apesar do medo, Reinaldo não hesitou em levantar o punho cerrado ao fazer um gol logo no primeiro jogo da Seleção Brasileira contra a Suécia. O jogador estava, claro, protestando contra as ditaduras que mataram milhares de pessoas em vários países sul americanos. Com os exemplos de Sócrates e Reinaldo percebe-se que política e futebol são aspectos sociais intimamente ligados.

Nesse sentido, a fracassada campanha da Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 1966, disputada na Inglaterra, quando já se tinha instaurado o regime ditatorial no Brasil, não foi vista com bons olhos pelos militares. Naquela oportunidade, a Seleção teve uma preparação conturbada o que acabou refletindo numa eliminação vexatória ainda na primeira fase do torneio, naquela que é até hoje tida como a pior campanha de uma Seleção Brasileira em Copas do Mundo. Foi nesse contexto que os militares deram início ao processo de "militarização" da Seleção Brasileira. Logo após o fim dessa Copa, o governo militar interveio diretamente na Seleção, criando a Comissão Seleccionadora Nacional, com o objetivo

de fiscalizar as ações da Confederação Brasileira de Desportos (CBD). Acerca desse processo de intervenção militar no âmbito futebolístico, o historiador Miguel Enrique Stédile evidencia que:

A militarização seria conformada pela combinação de uma série de elementos: a exigência do comportamento disciplinar do atleta correspondente a de um soldado; [...] no controle sobre a Comissão Técnica da Seleção; no financiamento das atividades da Seleção e da CBD pelo Estado; na apropriação da gestão da Confederação Brasileira dos Desportos, além de controlar outras instâncias esportivas, como o Conselho Nacional de Desporto; e, por fim, justamente aquele pelo qual a Ditadura de Segurança Nacional é frequentemente associada ao Futebol e a Seleção Brasileira, a apropriação e instrumentalização propagandística destes símbolos e seus valores pela Ditadura. (STÉDILE, 2021).

Esse processo de "militarização" da Seleção Brasileira foi se tornando cada vez mais notório, na medida em que se iniciava a preparação para a disputa da Copa do Mundo de 1970. Visando se utilizar, como mecanismo de propaganda, de uma possível nova conquista da Seleção numa Copa, o governo militar imprimiu dentro da Seleção Brasileira o modelo de organização e disciplina que almejava para a própria sociedade. Sobre essa intensificação no processo de "militarização" da Seleção Brasileira, que antecedeu o Mundial do México Laércio Becker trás as seguintes informações:

Basta ver a comissão técnica da Copa de 1970: chefiada pelo major-brigadeiro Jerônimo Bastos, então presidente do Conselho Nacional de Desporto; segurança a cargo do major-aviador Roberto Guarany, supervisão do capitão Claudio Coutinho, preparação física assessorada pelos capitães Kléber Camerino e Benedito Bonetti, preparação de goleiros a cargo do subtenente Raul Carlesso. (BECKER, 2012).

Essa questão permite, então, que demonstremos como se dava o projeto da ditadura militar que ia além de "simplesmente usar" o futebol para ganhar as simpatias da população. Havia, também, a ideia de implantar na sociedade, através, por exemplo, do futebol, um modelo de organização baseado no binômio hierarquia e disciplina que é o que dá sentido a existências das próprias Forças Armadas brasileiras.

O plano do governo era mostrar ao povo uma imagem de sua grandeza através da Seleção, e para isso se concretizar era fundamental a conquista do tri campeonato mundial na Copa do Mundo de 1970. O interesse dos militares numa possível conquista era tanto que eles terminaram aceitando que João Saldanha, assumido militante da esquerda, comandasse a seleção. É que Saldanha era, naquele momento, visto como o principal nome capaz de contornar as muitas falhas de rendimento da Seleção e levá-la à vitória final, o que seria algo fantástico para a máquina de propaganda do governo. A princípio Saldanha teve bons resultados com a Seleção, se classificando com facilidade para o Mundial. No entanto, essa boa fase não durou muito e com uma série de problemas internos os resultados negativos em campo começaram a aparecer. Em março de 1970, Saldanha foi demitido e deixou o cargo alegando que sua demissão teria relação com as interferências diretas do presidente Médici, que queria no cargo alguém que fosse convivente com suas intervenções na Seleção, o que não era o caso de Saldanha.

Mário Jorge Lobo Zagallo, treinador em alta, e com perfil bastante diferente do de Saldanha, foi escolhido para substituí-lo e recolocar a Seleção no caminho das vitórias. O fato é que mais uma vez a Seleção chegava às vésperas de uma Copa do Mundo com um

conturbado ambiente interno. O fantasma de mais um vexame, como o do Mundial de 1966, batia à porta da Seleção Brasileira e assombrava os militares que viam seus planos, para utilizá-la como mecanismo de propaganda do regime, na iminência de se frustrarem. Marcos Guterman (2009) descreve as expectativas geradas em torno da Seleção que estava preste a disputar Copa do Mundo da seguinte maneira:

O ceticismo em relação à seleção que disputaria o título mundial no México era equivalente ao que cercou a equipe que jogou a Copa de 1954, sob a sombra da tragédia épica de 1950. Alguns jornais, como O Estado de S. Paulo, já se antecipavam e diziam que uma derrota na Copa não seria inteiramente desastrosa [...]. Uma vitória, por outro lado, seria tão surpreendente dada as circunstâncias, que só poderia ser explicada pelas "virtudes do jogador brasileiro, valorizadas a partir de 1958". (GUTERMAN, 2009, p. 194).

Mesmo com todo esse sentimento nacional de desconfiança, a Seleção que contava com craques como Carlos Alberto Torres, Jairzinho, Gérson, Rivelino e Pelé, foi vencendo jogo a jogo e reconquistando a confiança da nação brasileira que voltava, pouco a pouco, a depositar esperanças na conquista do inédito tricampeonato Mundial. Para os militares, à medida que a seleção desenvolvia um bom futebol e se aproximava da conquista da Copa aumentava o contentamento com a possibilidade de se tirar proveito para exaltar o sentimento de grandeza nacional. Em contrapartida, para os opositores ao regime, uma vitória do Brasil seria uma conquista do governo autoritário de Emílio Médici. A lógica, portanto, era simples: quanto mais a população se encantava com a seleção, mas abafadas ficavam as vozes da oposição. Ser brasileiro nesse contexto era motivo de orgulho e o regime certamente daria um jeito de tirar vantagem disso, pensavam os militantes de esquerda.

Mas, a conquista da Seleção Brasileira na Copa de 1970 terminou acontecendo. Mesclando as habilidades de seus jogadores à preparação física imposta pelos militares, a equipe teve um ótimo desempenho dentro de campo e sagrou-se campeã vencendo a Seleção Italiana na grande final. Como já era esperada, a vitória foi muito bem capitalizada pelo Regime Militar. Logo em seguida à conquista, o governo liberou a "festa do povo" no Palácio do Planalto. Dois dias após a decisão contra a Itália, na volta do time ao país, Médici recebeu os jogadores em Brasília e, diante de uma multidão que se formou para receber os "heróis" do tricampeonato, levantou a taça Jules Rimet, troféu daquela edição da Copa do Mundo. Sendo assim, é inegável que a conquista da Copa de 1970 foi utilizada por Médici para impulsionar sua popularidade, e que o Regime Militar capitalizou politicamente a vitória da seleção em um momento de situação delicada do país.

4 EXPRESSÕES ARTÍSTICAS, O FUTEBOL E SUA UTILIZAÇÃO POLÍTICA PELA DITADURA MILITAR

Um grupo que se destacou na luta contra a opressão da ditadura foi o dos artistas: músicos, cineastas, escritores, atores, poetas, entre outros. Cada um utilizava o que melhor sabia fazer para questionar o governo e informar a população acerca das atrocidades realizadas pelos militares. Sobre temática, Marcos Napolitano enfatiza o seguinte:

A MPB, o samba e o rock acabaram formando uma espécie de frente ampla contra a ditadura, cada qual desenvolvendo um tipo de crítica, atitude e crônica social que forneciam referências diversas para a ideia de resistência cultural. A MPB, com suas letras engajadas e elaboradas; o samba, com sua capacidade de expressar uma vertente da cultura popular urbana ameaçada pela modernização conservadora capitalista; e o rock, com seu apelo a novos comportamentos e

liberdades para o jovem das grandes cidades. Não foi por acaso que ocorreram muitas parcerias, de shows e discos, entre os artistas desses três gêneros. (NAPOLITANO, 2014, p. 258).

Ao se buscar analisar o movimento de resistência de artistas da música, no período ditatorial brasileiro, nomes como Geraldo Vandré, Chico Buarque, Caetano Veloso e Gilberto Gil são citados frequentemente. Entretanto, outros artistas se destacaram nesse movimento de oposição, mesmo que não tenham ganhado igual destaque pelas abordagens historiográficas, que se propuseram a debater a temática, como é o caso da banda Som Imaginário.

Surgida em 1969, com músicas como “Cenouras”, “Feira Moderna”, “Tema dos Deuses”, etc, o grupo musical trazia em suas letras posicionamentos políticos de oposição à repressão ditatorial. Na ocasião da Copa do Mundo de 1970, e de sua utilização pelo governo como mecanismo de propaganda para moldar uma falsa imagem de país, a música “Hey, Man” se refere ao interesse político sobre a Copa do Mundo de 1970 e ao ufanismo gerado na população brasileira graças à conquista daquele campeonato.

Sua cidade
De vidro e aço
Prende você
Seus documentos
E as duplicatas
Cegam você

Hey hey hey man

Você precisava da taça de ouro
Que você só viu por de trás das vitrines
Você precisava beber nessa taça
Que você pagou com o sangue
Que nela bebeu

Só que nesse instante você foi feliz
Você é feliz quando pode
É que nesse instante você foi feliz
Você é feliz quando deixam
(SOM IMAGINÁRIO, 1970).

A Banda Som Imaginário se referia à necessidade da vitória da Seleção Brasileira para que os militares, que governavam o país, pudessem associá-la à imagem do governo, para que se disseminasse a ideia de unidade nacional e de um país que prosperava em todos os âmbitos. Também é possível notar nesse fragmento musical o quanto a paixão nacional, pelo futebol, foi utilizada pelo governo ditatorial para instigar um sentimento ufanista na população que se voltando para a conquista do tricampeonato não atentaria para as ações ditatoriais do governo.

Outros artistas que utilizaram suas posições para criticar o regime ditatorial foram os irmãos Marcos e Paulo Sérgio Valle. Nesse sentido destacamos aqui a música “Flamengo Até Morrer” lançada em 1973. Em um primeiro momento, a música aparenta apenas querer exaltar a paixão do povo brasileiro pelo futebol, mas numa análise mais detida é possível notar um conjunto de ironias e metáforas utilizadas pelos compositores para não só criticar o governo militar, como a utilização do futebol como instrumento para que a população não atentasse para os acontecimentos sociais e políticos no qual o país estava inserido.

Parece que finalmente resolvemos o dilema
Dario e Doval jogando juntos sem problema
Eu como um prato a menos

Trabalho um dia a mais
 E junto um trocadinho
 Pra ver o meu Flamengo
 Que sorte eu ter nascido no Brasil

Até o Presidente é Flamengo até morrer
 E olha que ele é o Presidente do País
 Rogério na direita
 Paulinho na esquerda
 Dario no comando
 E Fio na reserva
 E o resto a gente sabe, mas não diz
 E o resto é pau, é pedra, águas de março ou de abril
 (MARCOS VALLE, 1973).

Logo no início da música, os compositores mencionam um suposto dilema que finalmente teria sido resolvido, porém este dilema não era a violência, a censura ou a repressão imposta pelos militares, mas sim a escalção do Flamengo. Nesse trecho a ideia é criticar o fato de que enquanto o povo discutia futebol deixava outras questões mais importantes ou urgentes em segundo plano, como por exemplo, a necessidade de resistir e lutar contra a ditadura militar que assolava o país.

Nos versos “E o resto a gente sabe, mas não diz. E o resto é pau, é pedra, águas de março ou de abril”, podemos perceber uma revolta associada ao fato de que, mesmo o povo conhecendo a situação do país, a grande maioria da população está mais atenta as questões relacionadas ao futebol como se este não tivesse mais nada a ver com, por exemplo, a política. Além disso, os termos “pau” e “pedra” podem nos remeter a dureza do período ditatorial, às torturas e perseguições. De fato fica a impressão de que por medo da repressão, da violência e da censura, muitas pessoas terminavam optando pelo silêncio, mesmo em meio a tanto sofrimento e a devastação causada pelos militares que governavam o Brasil.

O cinema nacional também foi palco de expressões artísticas que criticavam a utilização do clima de euforia popular, devido a conquista do tricampeonato mundial, e a forma como o regime militar agia para mascarar as atrocidades praticadas pelo governo opressor. Nesse sentido, o filme “Pra frente Brasil”, de Roberto Farias, conta a história de um cidadão de classe média que é confundido com um militante de uma organização revolucionária e é preso e torturado por agentes da Operação Bandeirantes em São Paulo. A trama do filme se desenvolve durante a Copa do Mundo de 1970 e é por isso que alterna de repressão, perseguição política, tortura e assassinatos praticados pelo governo e cenas com a euforia popular pela conquista da Copa do Mundo pela Seleção Brasileira. (PRA FRENTE BRASIL, 1982).

O filme “Prá Frente Brasil” é demonstra a situação em que a Copa do Mundo de 1970 é utilizada pela ditadura militar para, se aproveitando da paixão nacional pelo futebol e pela seleção, encobrir a violência praticada contra a sociedade que teve como consequência a perda de muitas vidas, deixando famílias devastadas por tamanha atrocidade. Além disso, se vê a clara tentativa de associar a imagem da seleção vitoriosa com a do próprio governo para se difundir um ideal de integração nacional, no qual a sociedade brasileira estaria unida, com um único objetivo de tornar o país cada vez mais forte, mostrando para o mundo uma grandiosidade que de fato inexistia.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo como referência as discussões realizadas no decorrer da presente pesquisa, compreende-se que o futebol não pode ser tratado como um mundo a parte, isolado dos acontecimentos sociais que os circundam. Nesse sentido é correto afirmar que o meio futebolístico sofre uma grande influência do tempo e do espaço em que ele está inserido.

Nessa lógica, quando se busca realizar uma análise sociopolítica de tudo que envolve o futebol, deve-se levar em consideração que esse esporte tão popular em todo o mundo vai muito além de apenas um simples lazer ou mesmo uma mera disputa esportiva. Desde sua popularização, e por seu caráter mobilizador das massas, o futebol foi e continua sendo utilizado para despertar nas populações sentimentos de nacionalismo, de orgulho e de pertencimento a uma nação, desenvolvendo ao longo do tempo interesses que extrapolam as quatro linhas.

Ao longo de nossa história republicana, o futebol foi sendo difundido e alcançou o posto de esporte mais popular do país, despertando a paixão de milhares de pessoas independente de classe social, religião, etnia, etc. É por isso mesmo que o futebol segue sendo alvo dos interesses de governantes, sobretudo de presidentes da República que buscam associar suas imagens, e de seus governos, ao futebol, seja através de seleções nacionais ou de times com o objetivo de conquistar, dentre outras coisas, maior aprovação popular. Assim, a paixão do povo pelo futebol é utilizado constantemente como um mecanismo de obtenção de legitimação e apoio popular.

Um exemplo notável de como o futebol foi alvo de interesses políticos, se deu durante a ditadura militar, principalmente durante o governo do general Emílio Médici, que participou de forma efetiva nos rumos da Seleção Brasileira campeã da Copa do Mundo de 1970. Nesse período, verificou-se um processo de “militarização” da Seleção. Essa intervenção governamental no futebol pode ser compreendida como forma de os militares controlarem o “mundo do futebol” para evitar possíveis denúncias de jogadores e comissões técnicas sobre a real situação do país, que naquele contexto vivia uma fase autoritária e violenta de sua história. Além disso, os militares viam a possibilidade de utilizar um possível triunfo da seleção nacional como mecanismo de propaganda do governo, para acalmar os ânimos da população frente a censura, repressão e violência imposta.

Nesse sentido, quando da conquista do tricampeonato mundial, o governo ditatorial buscou a todo custo associar sua imagem a imagem vitoriosa da seleção, reforçando a ideia de grandeza nacional e de um país que prosperava em todos os sentidos. Assim, apesar de muitos defenderem a tese de que futebol e política não se relacionam, podemos ver aqui exatamente o contrário ao identificarmos que o futebol teve grande importância sociopolítica enquanto o país era controlado por militares. Assim, o futebol pode ser entendido como símbolo de representação de uma identidade nacional e como alvo de interesses políticos dos que enxergavam como uma via para o fortalecimento de suas estruturas de poder, transferindo a popularidade da Seleção para o regime militar, criando a falsa ideia de que o Brasil estava caminhando a passos largos para se tornar uma potência mundial e que isso estava se dando em várias esferas sociais, inclusive a do futebol, relacionando a conquista da seleção na copa de 1970 com a imagem do governo, em uma clara tentativa de conquistar uma maior popularidade em meio a um momento conturbado, visando com isso melhorar a imagem dos militares diante do povo.

REFERÊNCIAS

00VINI. Reinaldo conta bastidores da Copa do Mundo de 1978. YouTube, 15 de outubro de 2008. Disponível em: <<https://youtu.be/Npae7UBeZa0>>. Acesso em: 06 de Maio de 2023.

BECKER, Laércio. A futebolização da política. Webartigos, Curitiba, 2012.

BLUME, André Bruno. Afinal, o que é ditadura?. **Politize!**, São Paulo, 07 de mar. de 2017. Disponível em: <file:///C:/Users/ml699/Downloads/Ditadura_%20o%20que%20%C3%A9%20e%20quais%20s%C3%A3o%20suas%20caracter%C3%ADsticas_%20-%20Politize!.html>. Acesso em: 15 de nov. de 2020.

BULLÉ, Jamille. Após 70 anos, narrativa mais difundida do Maracanazo mostra o "perigo de uma história única". Globo Esporte, Rio de Janeiro, 2020.

CHAUÍ, Marilena de Souza. **Brasil: mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2000.

DRUMOND, Maurício. Getúlio Vargas, São Januário e o 1º de Maio. Ludopédio, São Paulo, v. 35, n. 1, 2012.

FIGOLS, Victor de Leonardo. As lições de um sociólogo para um historiador do esporte: Bourdieu e o campo esportivo. Ludopédio, São Paulo, v. 142, n. 28, 2021.

GUSTAVO, Miguel. **Pra frente, Brasil**. 1970. Disponível em: <https://youtu.be/gMh7hXWIEtE>>. Acesso em: 22 de maio de 2023.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país**. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

HOBBSAWN, Eric. **Era dos Extremos: o breve século XX**. ed. 2, São Paulo: companhia das Letras, 1995.

MASCARENHAS, Gilmar. O futebol no Brasil: reflexões sobre paisagem e identidade através dos estádios. In: BARTHE-DELOIZY, Francine. and SERPA, Angelo. orgs. **Visões do Brasil: estudos culturais em Geografia** [online]. Salvador: EDUFBA; Edições L'Harmattan, 2012, p.67-85.

MAGALHÃES, Livia Gonçalves. **Com a taça nas mãos: sociedade, Copa do Mundo e ditadura no Brasil e na Argentina – 1 edição – Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2014.**

MARCOS VALLE, **Flamengo Até Morrer**. EMI Records Brasil Ltda, 1973. Disponível em: <https://youtu.be/Cx-2CMk2fkc>. Acesso em 15 de jun. 2023.

MILLS, C. Wright. **A Imaginação Sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969.

NAPOLITANO, Marcos. **1964: História do Regime Militar Brasileiro**. São Paulo: Editora contexto, 2014.

PRA FRENTE BRASIL. Direção: Roberto farias. Brasil. Embrafilmes, 1982. Vídeo.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. STARLING, Heloisa Murgel. **Brasil: uma biografia**. 2. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SILVA, Roniel Sampaio. **Discurso do Deputado Márcio Moreira sobre o Militarismo**. Cafécomsociologia, 2014.

SOM IMAGINÁRIO, **Hey, Man**. Brasil: Odeon-SMOFB 3658, 1970. Disponível em: <https://youtu.be/VtibtmYDmY>. Acesso em: 2 jun. 2021.

STÉDILE, Miguel Enrique. Muito além do Projeto México: a militarização da seleção brasileira nos anos 1970. **Ludopédio**, São Paulo, v. 148, n. 40, 2021.

UOL, Do. Contra atos no esporte e pró-Hulk: o que Tiago Lifert já falou sobre política. Uol Esporte, São Paulo, 2022.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por ter me concedido saúde e força para superar as dificuldades que se colocaram em meu caminho ao longo de minha jornada acadêmica.

Desejo expressar meus agradecimentos a todos que diretamente ou indiretamente contribuíram para que a minha trajetória acadêmica se tornasse uma busca prazerosa. Meu muito obrigado!

Aos meus pais Maria Cecília e Severino, pela educação que me proporcionaram e por todas as oportunidades e facilidades que, sobremaneira, foram fundamentais para meu desenvolvimento pessoal e profissional. Gostaria de ressaltar minha gratidão por vocês se preocuparem com o meu futuro e por ter confiado em mim todos estes anos de formação acadêmica que só acaba de iniciar, me aconselhando e dando força para prosseguir.

Aos meus irmãos pelo incondicional amor e apoio, pela atenção demandada e por todo zelo que sem dúvida nenhuma traduz o significado de família. Ressalto o quão importante vocês foram para mim, fornecendo uma base sólida que reflete exatamente na pessoa que me tornei hoje.

Aos meus queridos amigos, quero agradecer pelo constante apoio, força, amor, preocupação e assistência inigualável. Obrigado pelos conselhos úteis, bem como pelas palavras motivacionais e puxões de orelha. Tenham a certeza que esse trabalho não é só meu, tem um pouquinho de cada um de vocês nele.

Por fim, agradeço ao meu querido orientador, Prof^o. Ms Gilbergues Santos Soares, por todo apoio que me ofereceu na realização deste estudo, sua dedicação, sua amizade, assim como seu entusiasmo científico que soube me transmitir em todos os momentos de encontros para a realização desse trabalho. Obrigado por ter confiado em mim desde o primeiro dia que entrei em contato e lhe convidei para me orientar, e por compartilhar suas linhas de pesquisa e que hoje podemos ver alguns belos frutos desses trabalhos. É muito prazeroso conviver ao lado de um pesquisador que está sempre em busca de novos desafios e sem medo de inovar.